

Da deontologia nos escritos arqueológicos

Chamaram-me a atenção para o «post» inserido, no passado dia 12 de Junho, no blogue **SINTRA E CASCAIS - Mar | Terra | História**, subordinado ao título «O Alto da Vigia no tempo dos romanos: uma interpretação alternativa sobre este sítio arqueológico».

Tenho acompanhado desde há muito as investigações aí levadas a cabo pela equipa do Museu Arqueológico de S. Miguel de Odrinhas (Sintra), sob orientação do Dr. José Cardim Ribeiro e, por isso, interessava-me conhecer essa «interpretação alternativa».

Confesso também a minha ignorância. Desconhecia que o seu autor, Marco Oliveira Borges, natural de Cascais – e passo a citar a sua apresentação – «é licenciado em História, pós-graduado em História dos Descobrimentos e da Expansão e mestre em História Marítima pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, tendo desenvolvido uma tese intitulada *O porto de Cascais durante a Expansão Quatrocentista: apoio à navegação e defesa costeira* (2012), aprovada com 19 valores. Fez parte do quadro de honra da Universidade de Lisboa ao ser-lhe atribuída uma bolsa de estudo por mérito pelo terceiro valor mais alto (18.8, *ex aequo*) entre as médias de todos os alunos que desenvolveram actividade (licenciatura/mestrado) no ano lectivo 2011/2012».

Motivos de sobra, pois, para eu me penitenciar por o não conhecer e, neste caso, para indagar dessa anunciada ‘alternativa’ que decerto iria pôr em causa o que a equipa do Museu Arqueológico de S. Miguel de Odrinhas (Sintra) tão cuidadosamente tem investigado nesse outeiro defronte da Praia das Maças.

Lido, porém, o «post» – que detém, pelo grande aparato bibliográfico que ostenta, o aspecto de verdadeiro artigo científico – verifica-se que não passa de um amontoado de citações, concluindo pela apresentação de hipóteses já por outros colocadas:

- «é muito provável que a área do Alto da Vigia e imediações [...] tenham tido igualmente outras funcionalidades para além daquelas associadas ao santuário»;
- «em tempos recuados, poderá mesmo ter havido uma extensão habitável»;
- «é possível que possa ter havido algum tipo de exploração económica romana nessa área»;
- «[...] se pode pensar nalgum tipo de edifício de apoio à navegação, talvez até um posto de controlo romano»...

Convenhamos: uma coisa é divulgar – e constitui essa uma função que também eu me prezo de procurar cumprir – outra é enfeitar-se com penachos alheios.

Oxalá Marco Oliveira Borges nunca venha a enfeitar-se de fenachos – que este, o fenacho, quando dá nas favas, elas mui depressa se estiolam!

José d'Encarnação